



Argumentação multimodal e colaborativa no enfrentamento do sofrimento ético-político

Fernanda Coelho Liberali

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

orcid.org/0000-0001-7165-646X

Este artigo analisa experiências do Projeto Brincadas (LACE/PUC-SP) centradas em práticas de multiletramento engajado. Nesse sentido, buscou-se compreender como a argumentação multimodal e colaborativa, produzida por jovens de territórios periféricos, atua no enfrentamento do sofrimento ético-político e na ampliação do patrimônio vivencial. A pesquisa fundamentou-se em perspectivas críticas sobre linguagem, educação e justiça social, articulando discussões sobre argumentação multimodal, multiletramento engajado e processos formativos voltados à transformação social. A metodologia baseou-se na Pesquisa Crítica de Colaboração, tomando como corpus pôsteres, apresentações orais e registros multimodais do Grupo 4 no ciclo de 2023. As categorias de análise contemplaram dimensões discursivas, enunciativas e multimodais. Os resultados evidenciaram que os sujeitos mobilizaram recursos verbais, visuais, corporais e afetivos para denunciar desigualdades, ressignificar experiências e propor ações coletivas. Concluiu-se que a argumentação multimodal colaborativa constitui prática formativa insurgente, potencializando agência crítica e a construção de currículos de resistência e reexistência.

Palavras-chave: Argumentação multimodal. Sofrimento ético-político. Multiletramento engajado. Patrimônio vivencial.

Argumentación multimodal y colaborativa en el enfrentamiento del sufrimiento ético-político

Este artículo examina experiencias del Proyecto Brincadas (LACE/PUC-SP) basadas en prácticas de multialfabetización comprometida. Buscó comprender cómo la argumentación multimodal colaborativa de jóvenes periféricos enfrenta el sufrimiento ético-político y amplía el patrimonio vivencial. La investigación, fundamentada en perspectivas críticas sobre lenguaje, educación y justicia social, articuló debates sobre argumentación multimodal, multialfabetización comprometida y formación transformadora. La metodología empleó la Investigación Crítica de Colaboración, con corpus de carteles, presentaciones orales y registros multimodales del Grupo 4 (ciclo 2023). Las categorías abarcaron dimensiones discursivas, enunciativas y multimodales. Los resultados mostraron que los participantes movilizan recursos verbales, visuales, corporales y afectivos para denunciar desigualdades, resignificar experiencias y proponer acciones colectivas. Se concluyó que la argumentación multimodal colaborativa es una práctica formativa insurgente que potencia la agencia crítica y la construcción de currículos de resistencia y reexistencia.

Palabras clave: Argumentación multimodal. Sufrimiento ético-político. Multialfabetización comprometida. Patrimonio vivencial.

Multimodal and Collaborative Argumentation in Confronting Ethical-Political Suffering

This article analyzes experiences from the Brincadas Project (LACE/PUC-SP) centered on engaged multiliteracies practices. It sought to understand how collaborative multimodal argumentation, produced by youth from peripheral territories, acts in confronting ethical-political suffering and expanding experiential heritage. The research was grounded in critical perspectives on language, education, and social justice, articulating discussions on multimodal argumentation, engaged multiliteracies, and formative processes

aimed at social transformation. The methodology was based on Critical Collaboration Research, using as corpus posters, oral presentations, and multimodal records from Group 4 in the 2023 cycle. The analysis categories covered discursive, enunciative, and multimodal dimensions. The results showed that the subjects mobilized verbal, visual, bodily, and affective resources to denounce inequalities, reframe experiences, and propose collective actions. It was concluded that collaborative multimodal argumentation constitutes an insurgent formative practice, enhancing critical agency and the construction of curricula of resistance and re-existence.

Keywords: Multimodal argumentation. Ethical-political suffering. Engaged multiliteracies. Experiential heritage.

Introdução

Nos debates contemporâneos sobre linguagem, educação e justiça social, a argumentação vem sendo, cada vez mais, concebida como uma prática discursiva situada, complexa e responsiva, especialmente em contextos marcados por desigualdades estruturais. Em oposição a modelos clássicos de argumentação centrados na racionalidade monológica e na busca por consenso (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005 [1958]; Walton, 1990), diversos estudos têm evidenciado o caráter cultural, interacional, afetivo e multimodal da atividade argumentativa (Azevedo; Piris, 2023; Gonçalves-Segundo *et al.*, 2021; Liberali; Fuga; Vendramini-Zanella, 2023; Piris, 2024; Tindale, 2021). Nessa perspectiva, o ato de argumentar deixa de ser compreendido apenas como apresentação lógica de razões e passa a ser entendido como uma prática social situada, construída na interação de sujeitos e mediada por diferentes modos de significação.

A emergência de propostas como a argumentação multimodal colaborativa (Liberali, 2018; Liberali; Fuga; Vendramini-Zanella, 2023) reflete esse deslocamento epistêmico. Nessas abordagens, argumentar é entendido como um processo coletivo de construção de sentidos que mobiliza múltiplos recursos semióticos – fala, gesto, imagem, som, corpo e espaço – e ancora-se na escuta ativa, na coautoria e no compromisso ético com a transformação social. Argumentar, nesse sentido, envolve tanto a formulação de proposições racionais quanto a articulação entre experiências vividas, afetos, percepções e práticas discursivas que emergem de contextos sociais concretos. Trata-se, portanto, de uma prática que abarca posicionamento racional e engajamento afetivo e insurgência discursiva diante das opressões e silenciamentos impostos por estruturas coloniais, patriarcais e capitalistas (Stetsenko, 2023; Walsh, 2017).

Nesse quadro, torna-se particularmente relevante o conceito de **sofrimento ético-político** (Sawaia, 2006; Strappazon; Sawaia; Maheirie, 2022), entendido como a dor produzida por processos históricos de exclusão, deslegitimação e negação de humanidade nas relações sociais. Mais do que uma experiência individual, esse sofrimento expressa formas estruturais de desigualdade que atravessam as trajetórias dos sujeitos e suas condições de participação social. Quando reconhecido e compartilhado em espaços coletivos de diálogo, entretanto, esse sofrimento pode tornar-se ponto de partida para processos de conscientização e mobilização coletiva.

Articulada a essa perspectiva, a noção de **patrimônio vivencial** (Liberali, 2022; Megale; Liberali, 2020), inspirada na discussão vygotkiana sobre *perezhivanie*, refere-se ao conjunto de experiências afetivo-cognitivas e sociais acumuladas pelos sujeitos ao longo de suas trajetórias. Essas experiências, muitas vezes marcadas por situações dramáticas ou por vivências intensas em contextos de desigualdade, constituem recursos simbólicos e interpretativos que podem ser mobilizados na produção de sentidos, na elaboração crítica do vivido e na proposição de novas formas de ação no mundo. Assim, ao argumentar sobre suas experiências, os sujeitos ativam esse patrimônio vivencial e transformam vivências individuais em interpretações coletivas e em possibilidades de intervenção social.

Com base nesses referenciais, o Projeto Brincadas, desenvolvido no âmbito do grupo LACE/PUC-SP, propõe uma pedagogia do multiletramento engajado (Liberali, 2022), nessa perspectiva, integrando práticas críticas de leitura e reescrita do mundo. Os encontros promovidos pelo projeto mobilizam dinâmicas como caminhadas investigativas, produção de pôsteres argumentativos, rodas de conversa e criação de vídeos colaborativos, tudo estruturado a partir das etapas de imersão, emergência e inserção (Liberali, 2018). Nesses processos, os participantes – majoritariamente jovens de territórios periféricos – são convidados a observar seus contextos, refletir coletivamente sobre as desigualdades vivenciadas e elaborar formas de enfrentamento por meio de práticas discursivas multimodais.

O presente artigo parte da análise de um recorte dessa experiência e focaliza a atuação do Grupo 4 em uma das edições do Brincadas em 2023. O objetivo foi compreender como a argumentação multimodal colaborativa, expressa nas enunciações dos participantes sobre suas ações frente aos sofrimentos ético-políticos vivenciados, contribui para ampliação de seus patrimônios vivenciais, promovendo *agency* e reelaboração crítica da experiência. Com tal intento, dialogou-

se com os aportes de Farhat e Gonçalves-Segundo (2022), Gonçalves-Segundo *et al.* (2021), Piris (2024), Tseronis (2018) e outros pesquisadores que defendem a necessidade de práticas pedagógicas emancipadoras, decoloniais e sensíveis à pluralidade de vozes e modos de significação (Azevedo; Piris, 2023).

Além dos conceitos centrais mencionados nesta introdução – mormente, argumentação multimodal colaborativa, sofrimento ético-político, patrimônio vivencial e multiletramento engajado —, o artigo foi organizado nas seguintes seções. De pronto, apresenta-se o contexto formativo do Projeto Brincadas e seus indicadores de transformação nas práticas educativas desenvolvidas no âmbito do grupo LACE/PUC-SP. Na seção sucessiva, descreve-se a experiência formativa analisada e explicita-se as etapas de imersão, emersão e inserção que estruturam o ciclo de atividades. Na continuidade, expõe-se o recorte analítico do estudo, focalizando as produções do Grupo 4 e os dados multimodais mobilizados na pesquisa. Na sequência, desenvolve-se a análise e interpretação desses dados, examinando as dimensões enunciativa, discursiva e linguístico-multimodal da argumentação produzida pelos participantes. Por fim, discute-se a argumentação multimodal no contexto do projeto e apresenta-se as considerações finais, nas quais se refletem os efeitos formativos dessas práticas no enfrentamento do sofrimento ético-político e na ampliação dos patrimônios vivenciais dos participantes.

1 As Brincadas e os Coletivos de Investigação e Ação: indicadores de transformação nas práticas formativas

O Projeto Brincadas, desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa LACE/PUC-SP, tem-se configurado como uma proposta pedagógica potente e engajada, que se volta à promoção da justiça social e do Bem Viver a partir de experiências formativas críticas, colaborativas e insurgentes. Estruturado sobre os fundamentos do multiletramento engajado (Liberali, 2022), esse projeto articula práticas educativas que integram leitura e reescrita do mundo por meio de múltiplos modos semióticos – texto, imagem, som, corpo, gesto e espaço —, operando sobre os sofrimentos ético-políticos vivenciados nos territórios dos participantes (Freire, 1987; Sawaia, 2006).

Durante o ciclo formativo de 2023, o Brincadas organizou suas atividades em três grandes momentos: imersão, emersão e inserção. A imersão compreendeu uma caminhada investigativa no entorno da universidade, dessa forma, promovendo um

olhar sensível e analítico no que tange à organização urbana, social e afetiva daquele espaço. Na emergência, os participantes dialogaram sobre o que observaram, produziram pôsteres argumentativos e participaram de rodas de conversa sobre sofrimento ético-político, a partir de imagens provocadoras e dinâmicas interativas de troca e escuta. Já na inserção, os participantes reuniram-se nos Coletivos de Investigação e Ação (COLINA), articulando grupos com base em suas escolas ou comunidades. Cada um dos COLINA identificou um sofrimento estrutural de seu território e propôs, de forma colaborativa, ações iniciais de enfrentamento.

Os participantes dos COLINA são constituídos por um grupo heterogêneo que reúne estudantes da Educação Básica – desde o 4º ano do Ensino Fundamental até o Ensino Médio —, além de educadores, gestores escolares, lideranças comunitárias e familiares dos próprios estudantes. Essa composição intencionalmente diversa busca favorecer a construção de espaços formativos intergeracionais e interinstitucionais, nos quais diferentes experiências sociais, escolares e comunitárias possam dialogar na análise de problemas vividos nos territórios. Ao reunir participantes com trajetórias e papéis distintos nas comunidades, os COLINA constituem ambientes de investigação e ação coletiva em que estudantes, educadores e membros da comunidade compartilham vivências, refletem sobre sofrimentos ético-políticos presentes em seus contextos e elaboram, de forma colaborativa, propostas de enfrentamento e transformação social.

A análise de três dos COLINA focais – Demétrio, Remo e Caçandoca – permitiu identificar indicadores de impacto formativo e social que reforçaram a potência do Brincadas como estratégia de formação contra-hegemônica e transformação discursiva e material.

O COLINA Demétrio concentrou-se em práticas de educação ambiental frente à escassez de água e à ausência de infraestrutura básica em sua comunidade. O sofrimento ético-político identificado relacionava-se à precariedade dos serviços essenciais e ao impacto disso sobre a dignidade de estudantes e famílias. As ações desenvolvidas incluíram oficinas sobre reuso de água, hortas comunitárias e campanhas de conscientização dentro e fora da escola. Os resultados apontaram para uma ampliação do patrimônio vivencial dos participantes com forte valorização do engajamento ecológico e fortalecimento de vínculos comunitários mediante educação ambiental crítica.

Já o COLINA Remo evidenciou as múltiplas formas de violência vividas pela juventude negra periférica – da invisibilidade institucional ao racismo cotidiano. As ações concentraram-se em produções culturais, como poesia falada, *rap*, dança e rodas de conversa, que permitiram aos jovens denunciar as opressões sofridas e, simultaneamente, afirmar sua identidade e agência. A transformação foi visível na ampliação da autoestima, na valorização do pertencimento escolar e na ativação de redes de solidariedade entre pares. A escola, nesse processo, deixou de ser vista como lugar de controle e passou a ser experienciada como espaço de resistência e criação coletiva. Essas práticas encontram ressonância na perspectiva de uma *argumentação emancipadora*, que articula denúncia e reexistência frente às violências estruturais (Azevedo; Piris, 2023).

Por fim, o COLINA Caçandoca, formado por integrantes do Quilombo da Caçandoca, abordou o sofrimento ético-político representado pelo fechamento de sua escola e pelo apagamento dos saberes ancestrais. A luta pela reabertura da escola foi acompanhada de uma série de ações de valorização cultural: gravação de documentários, resgate de memórias comunitárias, criação de registros históricos e articulação com instituições de Ensino Superior. O resultado foi a retomada da escola quilombola como um espaço de reconstrução simbólica, onde práticas de Bem Viver, oralidade e territorialidade dialogam com os saberes escolares formais, desafiando as fronteiras coloniais do currículo.

Esses três COLINA exemplificam como a formação promovida pelo Brincadas extrapola os limites do discurso e materializa-se em ações concretas de resistência, *agency* e transformação. Em todos os casos, a articulação entre sofrimento ético-político e proposição de ações coletivas operou como eixo formativo central, dessa forma, confirmando o potencial da argumentação multimodal colaborativa como prática crítica e emancipada.

Quadro 1 – COLINA focais e seus Indicadores de Impacto (Brincadas, 2023)

COLINA	Sofrimento Ético-Político	Ação Desenvolvida	Indicador de Impacto
Demétrio	Escassez de água e infraestrutura precária	Oficinas ecológicas, hortas, campanhas educativas	Educação ambiental crítica e cidadania ecológica
Remo	Violência estrutural e exclusão da juventude negra	Produções culturais e rodas de escuta e resistência	Justiça social, autoestima e fortalecimento de redes
Caçandoca	Fechamento da escola quilombola e apagamento cultural	Mobilização comunitária, vídeos, articulação com universidades	Educação quilombola, memória, identidade e Bem Viver

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O Quadro 1 apresenta uma síntese dos COLINA focais e dos principais indicadores de impacto observados no ciclo formativo do Projeto Brincadas em 2023. Ao relacionar os sofrimentos ético-políticos identificados pelos participantes, as ações desenvolvidas em cada território e os efeitos formativos e sociais decorrentes dessas ações, o quadro evidencia como as experiências vividas nos diferentes contextos se transformam em processos coletivos de investigação e intervenção. Essa sistematização permite visualizar, de forma integrada, a articulação entre diagnóstico, ação e transformação que orienta a proposta formativa do projeto.

2 Experiência formativa e engajamento multiletrado no Projeto Brincadas

A proposta formativa analisada neste artigo insere-se no escopo do Projeto Brincadas, que se fundamenta na perspectiva do multiletramento engajado (Liberali, 2022). Essa abordagem articula práticas educativas que mobilizam dimensões éticas, estéticas, políticas e epistêmicas da aprendizagem, em interação com os territórios e com os sofrimentos ético-políticos vivenciados pelos participantes em suas comunidades. Desenvolvido no âmbito do LACE/PUC-SP, o projeto organiza-se por meio de Cadeias Criativas que viabilizam processos colaborativos de investigação, escuta e proposição de ações transformadoras a partir de práticas discursivas críticas e multimodais.

O ciclo de atividades formativas realizado em 2023 desenvolveu-se em três etapas integradas: imersão, emersão e inserção. No primeiro momento, os participantes realizaram uma caminhada investigativa no entorno da PUC-SP, observando o bairro sob diferentes perspectivas – espacial, social, simbólica e afetiva. O objetivo era fomentar uma leitura crítica do espaço urbano como

construção política e experiencial, nesse sentido, provocando os participantes a pensarem sobre a cidade em relação às suas próprias realidades.

A fase seguinte, de emersão, concentrou-se na sistematização das observações por meio de debates orientados por três perguntas principais, que estimularam a comparação entre os territórios de origem e o espaço visitado. A partir dessas reflexões, os grupos produziram pôsteres nos quais mobilizaram diferentes modos de significação (linguagem escrita, imagem, disposição gráfica, gesto, cor) como forma de expressão argumentativa e posicionamento social. Esse processo foi ampliado por discussões conceituais sobre sofrimento ético-político (Sawaia, 2006) e por dinâmicas de compartilhamento vivencial, como os encontros rápidos, em que os participantes puderam expressar, ouvir e problematizar suas experiências de opressão e resistência.

Na etapa de inserção, participantes foram organizados nos COLINA, agrupados conforme suas escolas ou comunidades. Cada coletivo identificou um sofrimento ético-político relevante em seu contexto, sistematizou reflexões a respeito e iniciou o planejamento de ações de enfrentamento. Como tarefa final, os grupos produziram vídeos em que apresentavam esses sofrimentos e suas possíveis superações, por conseguinte, ativando sua agência coletiva e os modos expressivos que haviam experimentado ao longo do processo formativo.

Essa trajetória formativa possibilitou não apenas o reconhecimento das realidades vividas pelos participantes, mas também sua reelaboração crítica por meio de práticas colaborativas e discursivas de caráter insurgente. Ao mobilizar recursos multimodais e patrimônios vivenciais (Megale; Liberali, 2020), o Brincadas reforça o papel da escola e da universidade como espaços de diálogo, escuta e transformação social.

Com base na descrição detalhada das atividades, nos documentos e *slides* do evento SEDIAR e da tese de livre-docência, segue o quadro com as etapas principais do Projeto Brincadas em 2023, que foram estruturadas a partir da Cadeia Criativa, com foco nas dimensões formativas e investigativas dos encontros:

Quadro 2 - Etapas Formativas do Projeto Brincadas (2023)

Etapa	Descrição	Exemplos e Atividades
Imersão	Observação sensível e crítica do território; ativação dos sentidos e percepção das desigualdades e potências.	Caminhadas exploratórias pelo entorno do lugar; montagem de quebra-cabeças com temas urbanos; jogos como “nó humano”.
Emersão	Sistematização das experiências e comparações entre territórios; início da produção argumentativa e teórica.	Produção de pôsteres com base em perguntas comparativas; debates sobre sofrimento ético-político (Sawaia, 2006).
Inserção	Análise aprofundada dos sofrimentos nos territórios de origem e construção coletiva de enfrentamentos por meio dos COLINA.	Discussões nos COLINA, produção de vídeos e <i>performances</i> ; definição de conceitos e propostas de ação.
Lição de Casa: Trilha de Investigação (novatos)	Primeira inserção no processo formativo, com foco na identificação de sofrimentos ético-políticos e início da produção de material investigativo.	Dinâmicas de escuta e compartilhamento; produção de vídeos sobre seus contextos.
Lição de Casa: Trilha de Ação (veteranos)	Continuidade da ação com base em análises anteriores; fortalecimento das estratégias de transformação social a partir da experiência acumulada.	Implementação de planos de ação; elaboração de apresentações multimodais e debates coletivos.
Círculo Final	Momento de fechamento ritualístico e afetivo, que valoriza os vínculos, os afetos e as palavras como síntese das vivências do dia.	Círculo na rampa da universidade; entrega de palavras aos colegas; repetição coletiva de termos como “BRINCADAS” e “COLINA”.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Esse quadro sintetiza o percurso vivenciado nos encontros do Brincadas com base na metodologia da Cadeia Criativa (Liberali, 2018), o que permite visualizar como os momentos foram articulados em práticas discursivas, corporais e simbólicas voltadas à análise crítica e à ação coletiva.

Para compreender esses processos formativos promovidos no Projeto Brincadas é essencial considerar os conceitos de sofrimento ético-político e patrimônio vivencial, que sustentam as análises apresentadas neste artigo. Ambos estão ancorados em perspectivas críticas sobre desigualdade, linguagem e subjetivação e permitem situar as ações educativas em relação direta às experiências concretas dos sujeitos em contextos de exclusão.

O sofrimento ético-político é compreendido como aquele que não se limita à dor individual, mas que emerge da experiência contínua de injustiça, silenciamento e

inferiorização nas relações sociais. Trata-se de uma dor resultante da vivência de exclusão, exploração, racismo, fome, invisibilidade e opressão, que ultrapassa o plano pessoal e inscreve-se na estrutura da vida social (Sawaia, 2006; Strappazon; Sawaia; Maheirie, 2022). Conforme enfatizam Veloso e Busarello (2018), esse tipo de sofrimento decorre da forma como a desigualdade se materializa nas trajetórias cotidianas dos sujeitos – seja pelo impedimento ao acesso à cidade, pela negação da afetividade ou pela deslegitimação simbólica de seus modos de ser e existir.

Ao tornar visível o sofrimento daqueles que são submetidos aos excessos de poder e à violência sistêmica, o conceito retira a política da abstração e reintegra-a às experiências vividas, com isso, abrindo espaço para práticas de denúncia, escuta e resistência. Nesse sentido, o sofrimento ético-político além de revelar as feridas sociais, também convoca à ação coletiva, ao envolvimento comunitário e à responsabilização ativa.

É nesse campo que se articula o conceito de patrimônio vivencial, proposto por Megale e Liberali (2020), a partir das noções de drama e *perezhivanie* em Vygotsky (1934/1994). O patrimônio vivencial diz respeito ao conjunto de experiências afetivo-cognitivas e sociais que os sujeitos acumulam ao longo da vida, especialmente aquelas vividas de maneira intensa e compartilhada. Essas experiências, muitas vezes ligadas a situações-limite ou momentos de grande impacto emocional e social, tornam-se recursos internalizados que podem ser reativados em situações futuras, como meios simbólicos de reinterpretção do presente e de transformação do real.

Ao mobilizar seu patrimônio vivencial – por meio de múltiplos modos de significação, tais como a linguagem, o gesto, a imagem e o corpo —, os sujeitos não apenas rememoram, mas recriam sentidos, propõem alternativas e reposicionam-se frente ao mundo. Como afirma Liberali (2022), trata-se de uma forma de ação libertadora pela qual os indivíduos, ao apropriar-se de recursos semioticamente carregados, desenvolvem currículos de resistência e reexistência, aprendendo a experienciar criticamente o mundo e a transformá-lo de modo ético, coletivo e responsivo.

No contexto do Brincadas, essa perspectiva conecta-se à proposta da Cadeia Criativa e à pedagogia do Sumak Kawsay (Bem Viver) – termo proveniente de línguas originárias como o quéchua, guarani e aimará (Machado; Genro, 2018) – orientando os participantes a reconhecerem seus sofrimentos como históricos e transformáveis e a construírem, juntos, práticas de enfrentamento e cuidado. Esse movimento, que

se desenvolve nas etapas de imersão, emersão e inserção, fundamenta as análises a seguir, nas quais se evidencia como os jovens participantes do Grupo 4 transformaram suas experiências de desigualdade em atos de argumentação multimodal, colaborativa e insurgente.

3 Recorte analítico: grupo 4 e o uso de dados multimodais

Para aprofundar a análise das dimensões da argumentação colaborativa multimodal no Projeto Brincadas, este artigo focaliza a produção do Grupo 4, composto por estudantes de escolas públicas de regiões periféricas de São Paulo. A escolha desse grupo justifica-se pela densidade crítica de sua produção e pela forma como seus integrantes articularam experiências vividas e leitura social em práticas discursivas coletivas.

O evento contou com diversas apresentações similares, nas quais outros grupos também construíram pôsteres e expuseram suas percepções comparativas entre o território central da universidade e seus bairros de origem. Os registros dessas apresentações estão documentados na tese de livre-docência (Liberali, 2024), revelando uma variedade de enfoques temáticos – desde religião e diversidade cultural até meio ambiente, racismo e transporte. Contudo, por razões de escopo analítico e espaço textual, este artigo concentra-se no Grupo 4, cuja produção se destacou por articular, de forma sensível e crítica, as questões de educação, comércio e emprego em interface com os sentimentos de insegurança e desigualdade vivenciados cotidianamente. O *corpus* selecionado para esta seção inclui os seguintes dados:

- **Fala pública do grupo**, transcrita a partir de vídeo gravado¹ durante a plenária final do evento, no qual os integrantes apresentaram suas observações sobre o bairro da PUC-SP em contraste com seus contextos de origem.

Bom, boa tarde a todos. Então, o nosso é sobre educação, comércio e emprego. Conforme caminhamos pelo bairro, conseguimos ver prédios, escolas particulares e até pessoas passeando. E não tivemos aqueles problemas que costumamos ter. Quem mora em um bairro periférico, quando você anda e não mexe no celular,

¹ O vídeo mencionado integra o acervo audiovisual do Projeto Brincadas, desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa LACE (Linguagem em Atividades no Contexto Escolar), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). O material foi registrado durante as atividades formativas do projeto e é utilizado para fins de pesquisa e documentação das práticas pedagógicas realizadas.

anda e se preocupa com o que pode acontecer enquanto você anda. Também pudemos observar as casas, os prédios e ter uma ideia de como essas pessoas vivem, os empregos que têm. Até as lojas que observamos e vimos que não é igual às das periferias da cidade onde alguns de nós moram. Não tem aquela vibe de conversar com o dono da loja ou falar com alguém que está andando na rua. Então, o que também notamos sobre escolas, educação, foi sobre segurança e professores, a falta de professores, a falta até do interesse dos estudantes, o que mais? Acho que é isso. Obrigado (Acervo Projeto Brincadas).

- **Pôster**, produzido coletivamente durante a fase de emersão, estruturado com imagens de protestos, escolas, comércio e frases como “SEMPRE TIVE MEDO”, “OMISSÃO E NEGLIGÊNCIA”, “SAFETY”, organizadas de forma fragmentada sobre papel kraft.

Figura 1 – Pôster do Grupo 4 – “Educação, Comércio e Emprego”²



Fonte: Acervo Projeto Brincadas 2023.

- **Registro fotográfico da construção do pôster**, realizado durante a atividade em sala. A imagem mostra os participantes sentados em

² A Figura 1 corresponde ao pôster produzido coletivamente pelo Grupo 4 durante a etapa de emersão do Projeto Brincadas. O material foi elaborado em papel pardo de grande formato, por meio de colagens de fotografias, recortes de palavras e pequenas legendas impressas ou manuscritas. Entre os elementos visuais e verbais presentes destacam-se expressões como “Educação, comércio, emprego”, “Uma chance para avançar”, “Qualidade garantida”, “Omissão e negligência”, “Segurança/Safety”, “Sempre tive medo”, “Risco”, “Justiça” e “Revolta nas ruas”, além de imagens de salas de aula, estudantes, cerimônias de formatura, manifestações públicas e cenas urbanas. A composição fragmentada articula temas relacionados à educação, segurança, trabalho e desigualdades sociais, mobilizados pelos participantes na análise comparativa entre o território da universidade e seus contextos de origem. O material integra o acervo do Projeto Brincadas (LACE/PUC-SP).

círculo no chão, em processo de seleção, colagem e organização dos materiais gráficos.

Figura 2 – Grupo 4 produzindo coletivamente o pôster durante a fase de imersão



Fonte: acervo Projeto Brincadas 2023.

- **Imagem da apresentação oral**, em que três integrantes do grupo compartilham seus apontamentos com o público. A fotografia mostra o momento da exposição com o pôster já finalizado e o apoio de educadoras na mediação.

Figura 3 – Apresentação do Grupo 4 na plenária



Fonte: acervo Projeto Brincadas 2023.

Esses registros compõem o conjunto de dados cuja análise se expõe a seguir, em que se examinam as dimensões enunciativas, discursivas e multimodais da argumentação colaborativa no contexto do Brincadas.

4 Análise e interpretação dos dados

Com o objetivo de compreender como a argumentação multimodal colaborativa, expressa nas enunciações dos participantes sobre suas ações frente aos sofrimentos ético-políticos vivenciados, contribui para a ampliação de seus patrimônios vivenciais (Liberali, 2022; Megale; Liberali, 2020), esta seção apresenta uma análise integrada dos dados selecionados, organizando a leitura em torno de três dimensões complementares: discursiva, enunciativa e linguístico-multimodal.

A análise parte da descrição detalhada do pôster produzido pelo Grupo 4 – tomado como artefato argumentativo visual —, seguida pelo exame de sua apresentação oral pública, considerando os recursos expressivos mobilizados pelos participantes. Em seguida, discutem-se os elementos que compõem a dimensão enunciativa, com foco na coautoria, nas múltiplas vozes e na construção de um contrato dialógico entre os participantes. A subsequente análise da dimensão discursiva identifica a tese implícita e os principais argumentos mobilizados, observando como as comparações entre territórios e experiências sustentam a construção de sentido e posicionamento ético-político. Por fim, a dimensão linguístico-multimodal evidencia como os modos verbais, visuais, corporais e sonoros atuam, conjuntamente, na constituição do raciocínio argumentativo e da *performance* comunicativa dos participantes.

A abordagem adotada valoriza os modos de dizer, mostrar e sentir como formas legítimas de produção de conhecimento e denúncia das opressões vividas. Em diálogo com os pressupostos do multiletramento engajado (Liberali, 2022), a análise aqui proposta buscou revelar como os participantes, ao argumentar em rede e em colaboração, reconfiguraram suas vivências e construíram formas insurgentes de presença e de agência no mundo.

4.1 descrição detalhada do pôster – “educação, comércio, emprego”

O pôster intitulado “Educação, Comércio, Emprego” constitui uma produção coletiva elaborada pelos participantes do Grupo 4 na fase de emersão do Projeto

Brincadas. Organizado sobre um fundo de papel kraft, o cartaz apresenta uma composição visual marcada pela fragmentação intencional, com colagens, textos recortados e imagens justapostas que refletem a complexidade e a tensão das experiências periféricas.

Dentre os elementos mais centrais, destacam-se frases de forte carga argumentativa, como:

- **“SEMPRE TIVE MEDO”** – inserida de forma destacada no terço inferior do pôster; essa frase comunica uma vivência constante de insegurança, remetendo a um sentimento que atravessa o cotidiano de muitos sujeitos nas periferias urbanas.
- **“OMISSÃO E NEGLIGÊNCIA”** – colocada em letras maiúsculas, como uma denúncia direta ao poder público; essa afirmação é reforçada visualmente por uma colagem que representa precariedade e abandono.
- **“SAFETY”** (segurança) – aparece colada ao lado de imagens de escolas e espaços ordenados, contrastando com a expressão anterior e revelando uma crítica ao acesso desigual a condições de proteção e estabilidade.

As imagens selecionadas ajudam a compor esse contraste argumentativo. Há colagens de:

- manifestações populares com multidões nas ruas segurando cartazes;
- salas de aula organizadas com crianças sorrindo ou realizando atividades;
- cenas de comércio popular e vitrinas fechadas ou vazias;
- além de espaços urbanos degradados e ambientes escolares bem-equipados.

A disposição espacial do pôster é assimétrica, com elementos agrupados em blocos que não seguem uma ordem linear. Essa organização não convencional representa, visualmente, o entrelaçamento de experiências diversas, o que reforça a ideia de que educação, comércio e emprego não são acessados de forma homogênea, e sim vivenciados a partir de condições sociais desiguais.

Os recortes e sobreposições criam camadas de sentido, sugerindo que o argumento central do grupo não se limita à exposição de dados, mas opera por meio

da inscrição afetiva e estética das experiências. O pôster, assim, realiza uma argumentação multimodal (Gonçalves-Segundo *et al.*, 2021), em que palavras, imagens, cores e disposição espacial se entrelaçam na produção de uma crítica social situada.

A obra pode ser compreendida como um artefato insurgente, que, ao visibilizar o sofrimento ético-político de sujeitos periféricos, propõe uma denúncia e uma chamada à responsabilidade. Ao mesmo tempo, constitui um exercício de autoria coletiva, em que os participantes organizam seus saberes, dores e desejos em um espaço de escuta, colaboração e enfrentamento simbólico.

4.2 Descrição da apresentação oral

A apresentação oral do Grupo 4 ocorreu durante a plenária que concluiu a fase de emersão do encontro. Três integrantes do grupo participaram da exposição posicionando-se diante do pôster elaborado coletivamente e dirigindo-se ao público presente. A fala foi realizada de forma espontânea, sem leitura de texto escrito, e gravada em vídeo como parte da documentação do evento.

No momento da apresentação, os participantes retomaram o eixo temático “Educação, Comércio e Emprego” e evidenciaram as observações realizadas durante a caminhada investigativa pelo entorno da PUC-SP. A fala foi construída de forma coletiva com revezamento entre os integrantes e complementações sucessivas, o que demonstrou a participação ativa de mais de um participante no processo de construção e compartilhamento da experiência.

Ao longo da exposição, os jovens abordaram aspectos como a presença de escolas particulares, o sentimento de segurança ao caminhar no bairro, o tipo de comércio local, os modos de interação social e a diferença de infraestrutura em comparação com seus próprios territórios. Também mencionaram a falta de professores e o desinteresse escolar como elementos que afetam o cotidiano das escolas em que estudam.

Visualmente, a apresentação foi registrada em fotografia e vídeo. Na imagem, observa-se a disposição dos três integrantes em frente ao pôster, com o microfone sendo compartilhado entre eles e o apoio de educadoras ao lado. Os gestos, o contato visual com a audiência e o uso do corpo na fala constituem elementos que integram o caráter multimodal da apresentação.

Esses dados – a transcrição oral e os registros visuais – compõem o material analisado nas próximas subseções. A apresentação oral, junto ao pôster, é um exemplo significativo de prática argumentativa colaborativa, na qual a experiência vivida é ressignificada e compartilhada em um espaço coletivo.

4.3 Dimensão enunciativa

A dimensão enunciativa da argumentação colaborativa refere-se à forma como os sujeitos constroem seus posicionamentos a partir de práticas discursivas coletivas, em que múltiplas vozes participam ativamente da elaboração do sentido. Conforme proposto por Liberali (2018), a enunciação colaborativa implica não apenas a alternância entre falantes, mas a produção conjunta de significados, orientada por uma ética da escuta, da coautoria e do reconhecimento do outro como interlocutor legítimo.

Na apresentação do Grupo 4, observou-se a presença de várias vozes que se revezavam, complementavam-se e conjuntamente construía o discurso, marcando o caráter coletivo da fala. A escolha de pronomes como “nós”, “alguns de nós”, e o uso da expressão “nosso grupo” evidenciam a assunção de um posicionamento partilhado. A fala não é atribuída a um indivíduo, mas emerge do grupo como uma unidade discursiva plural.

O contrato enunciativo estabelecido entre os participantes foi sustentado por um ambiente de confiança mútua, possibilitado pela escuta ativa e pela validação recíproca das experiências. Isso se manifestou, por exemplo, na forma como os falantes se alternavam no uso do microfone, retomavam trechos anteriores e engajavam-se na complementação do discurso uns dos outros, demonstrando coesão argumentativa e solidariedade epistêmica.

Essa característica também se estendeu à fase de produção do pôster. A imagem da construção do cartaz mostra os participantes reunidos em torno do material, discutindo e decidindo juntos a organização das palavras, imagens e recortes. A disposição dos corpos em círculo, os gestos de apontamento, escuta e colaboração revelam um espaço enunciativo horizontal, no qual os diferentes participantes contribuem para a formação do texto coletivo.

Conforme apontado por Gonçalves-Segundo, Macagno e Azevedo (2021), a enunciação na argumentação multimodal não se limita ao verbal: ela se manifesta também nos modos gestual, corporal e visual, compondo um cenário de interação

argumentativa expandida. Nesse sentido, os participantes do Grupo 4 não apenas dizem juntos, mas também gesticulam, constroem e performam juntos, ativando um processo de autoria coletiva que é central à constituição do discurso insurgente.

A enunciação colaborativa, nesse contexto, configurou-se como prática formativa de agência. Ao compartilhar suas percepções, os participantes deram visibilidade a seus sofrimentos ético-políticos e afirmaram-se como sujeitos que sabem, sentem e podem transformar. Essa perspectiva aproxima-se da noção de agência transformadora proposta por Stetsenko (2023), na qual os sujeitos, ao assumir seus lugares na história, reconfiguram seus papéis e produzem novas possibilidades de vida e convivência.

4.4 Dimensão discursiva

A dimensão discursiva da argumentação colaborativa diz respeito à organização dos sentidos produzidos ao longo da interação e à forma como os sujeitos constroem e sustentam suas teses com base em experiências, observações e comparações socialmente situadas. No caso do Grupo 4, a exposição oral e o pôster revelam uma estrutura argumentativa coerente, ancorada em uma tese implícita e sustentada por diferentes tipos de argumentos – sensoriais, comparativos, afetivos e observacionais.

A tese que orienta o discurso do grupo pode ser formulada da seguinte maneira:

O bairro visitado apresenta uma realidade distinta da que vivenciamos em bairros periféricos, sobretudo em termos de segurança, relações sociais e infraestrutura.

Essa proposição não é explicitada em uma única frase, ela é tecida progressivamente ao longo da fala, por meio de comparações, descrições e impressões sensoriais, desse modo, construindo uma visão crítica do espaço urbano como campo desigual de acesso a direitos e dignidades. A organização argumentativa desenvolvida pelos participantes apresenta uma sequência coesa e multifacetada, como se vê nos trechos a seguir:

1. E não tivemos aqueles problemas que costumamos ter

Ao iniciar com uma negação experiencial, os participantes introduzem a comparação estrutural entre territórios e mobilizam um argumento baseado na

ausência de risco imediato no bairro visitado. Trata-se de um marcador de contraste que estrutura toda a argumentação subsequente, operando tanto como evidência sensível quanto como recurso de posicionamento coletivo.

2. Quem mora em um bairro periférico, quando você anda e não mexe no celular, anda e se preocupa com o que pode acontecer enquanto você anda

Aqui, a argumentação aprofunda-se no plano do corpo, do gesto e da sensação. A frase revela uma lógica de vigilância constante, em que o corpo periférico aprende a mover-se com medo. Esse argumento tem força afetiva e implicativa, pois relata e convida o ouvinte a imaginar-se naquele corpo urbano vigiado, criando identificação e denúncia simultâneas.

3. Também pudemos observar as casas, os prédios e ter uma ideia de como essas pessoas vivem, os empregos que têm

Nesse trecho, há uma expansão do argumento para o plano material e simbólico. A moradia e o trabalho tornam-se indicadores visuais e subjetivos das desigualdades estruturais. Como destacam Liberali, Fuga e Vendramini-Zanella (2023), essa articulação entre o observável e o vivenciado é característica da argumentação multimodal colaborativa, pois integra experiência, percepção e análise crítica.

4. Até as lojas que observamos e vimos que não é igual às das periferias da cidade onde alguns de nós moram

O argumento aqui tem caráter comparativo e cultural, chamando atenção para as distinções nos modos de consumo, na estética comercial e no tipo de acolhimento. Essa observação revela que o espaço comercial também reproduz hierarquias sociais, tornando-se, assim, parte do discurso crítico.

5. Não tem aquela vibe de conversar com o dono da loja ou falar com alguém que está andando na rua

Por fim, o grupo encerra com um argumento de natureza afetivo-relacional, destacando o empobrecimento dos vínculos humanos como um efeito colateral da urbanização elitizada. A ausência de espontaneidade, de acolhimento e de interação é lida como marcador de desumanização dos espaços, constituindo um ponto alto na construção da denúncia.

Em conjunto, esses argumentos sustentam a tese de maneira multifacetada, demonstrando a aptidão dos jovens a mobilizar diferentes tipos de raciocínio – sensorial, experiencial, observacional, ético e afetivo – para compor uma crítica social complexa. Essa prática está alinhada ao que Gonçalves-Segundo, Macagno e Azevedo (2021) identificam como argumentação discursiva ampliada, na qual os recursos verbais e os modos de organização textual (como ordem, repetição, ritmo e transição) operam juntos na consolidação da posição enunciativa. Associa-se também com as contribuições de Azevedo e Piris (2023), que defendem o ensino da argumentação como caminho para a consciência crítica e a descolonização dos modos de pensar e dizer.

Cada um desses enunciados opera como justificativa da tese implícita, ampliando e aprofundando sua complexidade. A argumentação, nesse sentido, além de lógica ou racional, carrega também camadas de experiência, dor, desejo e crítica social, sendo expressa de forma situada e engajada. Trata-se de uma argumentação que emerge do lugar de enunciação periférico e que mobiliza estratégias discursivas insurgentes, no sentido proposto por Liberali, Fuga e Vendramini-Zanella (2023), ao tensionar o modelo hegemônico de cidade, educação e convivência.

Ademais, a argumentação é situada e encarnada, o que a torna potente como instrumento de resistência discursiva (Stetsenko, 2023). Os sujeitos não falam apenas sobre o mundo, mas a partir de um lugar no mundo, como propõe Freire (1987), conferindo legitimidade epistêmica a saberes forjados na experiência da desigualdade.

A organização do discurso, ainda, revela traços daquilo que Gonçalves-Segundo, Macagno e Azevedo (2021) referem como estrutura argumentativa multimodal, em que os argumentos não se restringem ao verbal, mas dialogam com imagens, expressões corporais e recursos visuais do pôster. O discurso, assim, expande-se e reforça-se pela articulação de diferentes modos semióticos que constroem o raciocínio e o posicionamento crítico.

Ao assumir a palavra, os participantes do Grupo 4 tanto descreveram uma realidade desigual quanto elaboraram uma leitura crítica sobre ela. Sua argumentação não se propôs a persuadir com base em abstrações, e sim a dar visibilidade a modos de viver silenciados e historicamente subalternizados – promovendo, nesse gesto, a produção de sentido como forma de agência social e epistêmica.

4.5 Dimensão linguístico-multimodal

A argumentação produzida pelos participantes não se construiu somente por meio da fala, de igual modo, foi moldada por gestos, escolhas visuais, disposição espacial dos elementos e interação com os materiais utilizados na elaboração do pôster. Essas escolhas não foram aleatórias, por isso, constituíram-se em parte do próprio processo argumentativo. Como afirmam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005 [1958], p. 136), toda argumentação é necessariamente seletiva, pois envolve a escolha dos elementos que serão tornados presentes para sustentar determinada posição. No caso das produções analisadas, essa seletividade manifestou-se também na escolha de recursos verbo-visuais mobilizados pelos participantes, que selecionaram imagens, palavras e disposições gráficas para enfatizar determinadas experiências e interpretações da realidade, configurando aquilo que Leal (2021) descreve como uma seleção estratégica de recursos multimodais na construção do argumento.

A dimensão linguístico-multimodal da argumentação colaborativa refere-se à integração de múltiplos modos de significação – linguagem verbal, visual, corporal e sonora – na produção e compartilhamento de sentidos. No contexto do Projeto Brincadas, a apresentação do Grupo 4 exemplificou como diferentes recursos semióticos são mobilizados de forma articulada para sustentar uma posição crítica perante desigualdades vivenciadas, desse modo, ampliando os efeitos da argumentação e fortalecendo os vínculos entre forma e conteúdo.

A linguagem verbal empregada na apresentação foi marcada por expressões éticas e afetivas, tais como “*sempre tive medo*” ou “*não tivemos aqueles problemas que costumamos ter*”. Esses enunciados descreveram situações e funcionaram como atos discursivos de denúncia, carregados de experiência e posicionamento. A escolha lexical e a construção sintática revelaram um engajamento profundo com o tema e uma implicação emocional que confere densidade à argumentação. Como aponta Liberali (2018), a linguagem, nesse contexto, além de meio de comunicação, é também meio de ação transformadora.

O componente visual do pôster reforçou e ampliou os sentidos enunciados verbalmente. As imagens de manifestações, escolas, espaços urbanos e frases coladas com destaque – como “*OMISSÃO E NEGLIGÊNCIA*” e “*SAFETY*” – compuseram um artefato visual denso, no qual o argumento se materializou de forma fragmentada e simbólica. A disposição dos elementos no cartaz não seguiu um

padrão linear ou centralizado, e sim uma organização tensionada e distribuída, que refletiu a complexidade das vivências ali representadas. Essa estrutura está alinhada ao que Gonçalves-Segundo, Macagno e Azevedo (2021) identificam como práticas de argumentação semiótica expandida, nas quais os recursos não verbais constituem parte integrante da construção argumentativa.

Além da linguagem verbal e visual, a oralidade performativa dos participantes contribuiu para a multimodalidade do discurso. Durante a apresentação, os estudantes alternaram a fala, utilizaram entonações variadas, pausas estratégicas e movimentos corporais que reforçavam suas ideias. A interação com o pôster – apontando para imagens, retomando elementos gráficos enquanto falavam – evidenciou a articulação entre modos expressivos e reforçou o vínculo entre enunciado e corpo. A corporeidade da argumentação, como propõe Stetsenko (2023), torna-se uma via de inscrição da experiência no discurso.

A própria produção do pôster, registrada em imagem, revelou o caráter multimodal do processo. Na fotografia, os integrantes do grupo estão sentados em círculo, discutindo, cortando, colando e organizando os materiais gráficos em conjunto. Esse momento evidencia que a construção da argumentação não se dá apenas no plano da linguagem falada, mas também nos gestos, nas escolhas visuais e na interação coletiva com os materiais. Trata-se de uma prática formativa em que a autoria se expressa de múltiplos modos, de forma colaborativa e situada.

Como ressaltam Tseronis (2018) e Liberali, Fuga e Vendramini-Zanella (2023), a argumentação multimodal é particularmente relevante em contextos educacionais insurgentes, pois permite a emergência de vozes frequentemente silenciadas, por meio de modos de expressão que extrapolam o domínio acadêmico tradicional. A multimodalidade, nesses casos, não é ornamento; ela é condição de existência discursiva: permite que o corpo, o gesto, a imagem e a palavra coexistam como recursos legítimos de pensamento e denúncia.

Desse modo, a argumentação do Grupo 4 revelou-se como uma ação comunicativa ampliada, na qual a materialidade do discurso – visual, corporal, vocal – foi inseparável de sua dimensão ética e política. Os participantes não apenas argumentaram, mas performaram uma posição no mundo, em que as desigualdades se tornaram visíveis e foram denunciadas mediante uma linguagem, ao mesmo tempo, sensível, coletiva e insurgente.

5 A Argumentação multimodal no Projeto Brincadas

A análise das produções e falas dos participantes do Projeto Brincadas evidencia a emergência de uma forma de argumentação que vai além do verbal, articulando múltiplos modos de expressão – linguagem oral e escrita, corpo, som, imagem e disposição espacial – como constitutivos da construção de sentidos. Conforme proposto por Gonçalves-Segundo, Macagno e Azevedo (2021) e Tseronis (2018), a argumentação multimodal não deve ser compreendida como mero suporte visual ao discurso, e sim como uma prática comunicativa complexa, em que os diferentes modos atuam conjuntamente para configurar o raciocínio argumentativo.

Nos pôsteres criados pelos grupos, por exemplo, os elementos visuais – como **Palavras-chave** coladas em destaque, recortes de imagens de manifestações, símbolos religiosos, cores vibrantes ou escuras – ilustraram uma ideia e desvelaram argumentos ético-políticos. O cartaz do Grupo 4, com a frase “OMISSÃO E NEGLIGÊNCIA”, expressa, de forma concisa e visualmente impactante, uma tese central relativa à desigualdade social e abandono estatal, reiterada pelas imagens de precariedade, protesto e medo.

Esses recursos articularam-se à *performance* oral e corporal dos participantes durante as apresentações. A postura corporal firme, os gestos sincronizados, o uso do microfone compartilhado e os olhares entre os integrantes consistiram-se em formas de coautoria visível (Liberali, 2018), dessa forma, configurando um contrato comunicativo coletivo e ampliando a potência do enunciado. Assim, os argumentos não foram apenas ditos, mas vividos e performados.

Essa construção multimodal ancorou-se na escuta ativa e na validação da experiência periférica como base legítima para a argumentação. Como observado na fala do Grupo 4, ao contrapor os bairros em que vivem com o entorno da PUC-SP, os participantes proferiram comparações que revelaram o sofrimento ético-político de seus cotidianos – o medo constante, a vigilância sobre o corpo, a ausência de vínculos no comércio local – ao mesmo tempo que produziram novas formas de nomear e compreender tais vivências. Trata-se de uma forma de argumentar que promove o dessilenciamento (Teles, 2018), pois coloca em circulação saberes historicamente invisibilizados e ressignifica o lugar dos jovens como sujeitos de conhecimento e transformação.

Ao integrar as dimensões enunciativa, discursiva e multimodal, os COLINA criam espaços em que os argumentos são produzidos de forma horizontal e insurgente,

enraizados nas vivências de cada membro e orientados para a transformação coletiva. Essa orientação é tanto pedagógica quanto política; como enfatizam Freire (1987) e Engeström e Sannino (2011), trata-se de criar práticas educativas que reconhecem o conflito e o sofrimento como motores de mudança, que possibilitam o desenvolvimento de práticas contra-hegemônicas e responsivas às realidades dos participantes (Liberali; Fuga; Vendramini-Zanella, 2023).

Em síntese, a argumentação multimodal colaborativa no Projeto Brincadas não se limita a defender ideias, visto que atua, ainda, como prática vivencial de resistência e reinvenção do mundo, com isso, afirmando que outras formas de dizer, sentir e viver são possíveis e, de forma argumentativa, legítimas.

Considerações finais: a potência formativa da argumentação multimodal colaborativa

A análise da argumentação multimodal colaborativa revelou-se, no contexto do Projeto Brincadas, uma ferramenta metodológica e teórica potente para compreender os efeitos formativos de práticas educativas engajadas com a realidade dos participantes. Ao explorar as dimensões enunciativas, discursivas e multimodais das produções dos COLINA, foi possível acessar tanto os conteúdos discursivos mobilizados quanto os modos como os participantes constroem sentido, pertencimento e agência coletiva.

Por meio das falas, pôsteres e *performances*, os registros produzidos nos encontros consolidaram-se como documentos vivos de insurgência educativa. Cada material expressa, além de uma opinião, também, uma tentativa de reconfigurar o vivido, de intervir nas condições de opressão, bem como de afirmar formas alternativas de estar no mundo. Esses registros são, como diria Freire (1987), gestos de leitura e escrita do mundo, em que os participantes reescreveram suas histórias com a força da coletividade e da escuta partilhada.

A escuta atenta ao modo como os sujeitos argumentaram, em múltiplas linguagens, permitiu identificar rastros de transformação: a passagem do silêncio à fala, da conformidade à crítica, da descrição à proposição. Essas passagens indicam movimentos de resistência simbólica e política que só se tornam visíveis quando se reconhece a centralidade do corpo, da voz e das experiências na produção de conhecimento. Esses movimentos performam aquilo que Azevedo e Piris (2023)

identificam como processos de agência e reelaboração crítica do mundo mediante a palavra compartilhada.

O Projeto Brincadas, ao criar condições para que jovens e educadores investiguem, juntos, os sofrimentos ético-políticos de seus territórios, demonstra que é possível cocriar caminhos para a justiça social e o Bem Viver. Esses caminhos não se desenham apenas por meio da escuta dos conteúdos, mas, sobretudo, pela análise cuidadosa de como e com que recursos esses conteúdos são produzidos, defendidos e compartilhados.

Posto isso, compreender e valorizar a argumentação multimodal colaborativa, portanto, é apostar em uma educação que reconhece o sujeito em sua inteireza – corpo, gesto, voz, memória – e que legitima a construção coletiva do saber como instrumento de transformação social.

Referências

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; PIRIS, Eduardo Lopes. Pedagogia da esperança e argumentação emancipadora. In: REICHMANN, Carla Lynn; MEDRADO, Betânia Passos; COSTA, Walison Paulino de Araújo (orgs.). **Nas fronteiras e margens: desenvolvimento de professores de línguas como território de esperanças**. Campinas: Editora Pontes, p. 83-106, 2023

ENGSTRÖM, Yrjö; SANNINO, Annalisa. Discursive manifestations of contradictions in organizational change efforts: a methodological framework. **Journal of Organizational Change Management**, v. 24, n. 3, p. 368-387, 2011.

FARHAT, Theodoro Casalotti; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Análise multimodal: noções e procedimentos fundamentais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, 61 (2), 435-454, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318138666675v61n22022>. Acesso em: 25 jun. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; MACAGNO, Fabrizio; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de. Multimodal Argumentation: Challenges and Recent Trends: An Introduction to the Special Issue. **Revista da ABRALIN**, v. 20, n. 3, p. 722-736, 2021.

LEAL, Vanesca Carvalho. **Análise do gênero infográfico no Jornal Digital Folha de São Paulo com base nos pressupostos da retórica visual**. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

LIBERALI, Fernanda Coelho. A argumentação multimodal na compreensão e na transformação de contextos escolares. In: PIRIS, Eduardo Lopes; AZEVEDO, Isabel Cristina

Michelan de. (orgs.). **Discurso e argumentação: fotografias interdisciplinares**. v. 1. Coimbra: Grácio Editor, 2018. p. 173–196.

LIBERALI, Fernanda Coelho. **Impactos e ferramentas do Projeto Brincadas no início da proposta com os Coletivos de Investigação e Ação (COLINA)** – potencializando transformações. 2024. Tese (Livre-Docência) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

LIBERALI, Fernanda Coelho. Multiletramento engajado para a prática do bem viver. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 22, p. 125-145, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-220109-8421>. Acesso em: 25 jun. 2026.

LIBERALI, Fernanda Coelho; FUGA, Valdete Pereira; VENDRAMINI-ZANELLA, Daniela. O desenvolvimento engajado e o teatro-brincar na constituição da coletividade. **Pro-Posições**, Campinas, v. 34, e0420210077, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/RB3HQCKG8wtXWDnNNJx8N7H/?lang=pt>. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2021-0077>. Acesso em: 12 mar. 2026.

LIBERALI, Fernanda Coelho; MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo. Formação de professores e pesquisadores: argumentando e compartilhando significados. In: TELLES, João A. (org.). **Formação inicial e continuada de professores de língua: dimensões e ações na pesquisa e na prática**. Campinas: Pontes Editores, 2009. p. 43-66.

MACHADO, Ana María Netto; GENRO, Maria Elly Herz. Lições do sul: “buen vivir-vivir bien”, uma alternativa ao desenvolvimento, desde o pensamento andino. **Otra economía**. São Leopoldo, v. 11, n. 20, p. 119-135, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/199155/001099735.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 jun. 2026

MEGALE, Antonieta; LIBERALI, Fernanda Coelho. As implicações do conceito de patrimônio vivencial como uma alternativa para a educação multilíngue. **Revista X**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 55-74, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5380/rvx.v15i1.69979>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/69979>. Acesso em: 16 set. 2025.

PERELMAN, Cahim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria E. A. P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Original publicado em 1958).

PIRIS, Eduardo Lopes. Ensino de argumentação para emancipação e decolonialidade. **Diálogo das Letras**, Paus dos Ferros, v. 13, p. e02435, 2025. Disponível em: <https://homologacaoperiodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/6875>. Acesso em: 25 jun. 2026.

SAWAIA, Bader Burihan. **As artimanhas da exclusão: análise ética da desigualdade social**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

STETSENKO, Anna. Radical-transformative agency: continuities and contrasts with relational agency and implications for education. **Práxis Educativa**, v. 18, e21106, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.18.21106.005>. Acesso em: 25 jun. 2026.

- STRAPPAZZON, André Luis; SAWAIA, Bader Burihan; MAHEIRIE, Kátia. A liberdade em Espinosa como base ontoepistemológica no enfrentamento do sofrimento ético-político. **Psicologia e Sociedade**, v. 34, e234537, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2022v34242492>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/J3HFNPq7y5XnPxdRpkzxngs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 mar. 2026.
- TELES, Francisco Afranio. **O movimento de (des)silenciamento em cadeia criativa**. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.
- TINDALE, Christopher Willian. **The philosophy of argument and audience reception**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.
- TSERONIS, Assimakis. Multimodal argumentation: beyond argument structure and evaluation. **Argumentation**, [s. l.], v. 32, n. 2, p. 165-181, 2018.
- VELOSO, Aline Matheus; BUSARELLO, Flávia Roberta. A exclusão como sofrimento ético-político: um olhar a partir da psicologia sócio-histórica. **Psicologia e Sociedade**, [s. l.], v. 30, e174082, 2018.
- VYGOTSKI, Lev Semyonovich. The problem of the environment. [1934]. In: VAN DER VEER, René; VALSINER, Jaan (orgs.). **The Vygotsky reader**. Oxford: Blackwell, 1994.
- WALSH, Catherine. Gritos, grietas y siembras de vida: Entretejer de lo pedagógico y lo decolonial. In: WALSH, Catherine (org.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017. p. 17-45.
- WALTON, Douglas. What is reasoning? What is argument? **The Journal of Philosophy**, [s. l.], v. 87, n. 8, p. 399-419, 1990.